

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
UNIDADE PROFESSOR JOSÉ BATISTA DE OLIVEIRA
CURSO DE PEDAGOGIA

EDUARDA MATOS BARBOSA

**A RELAÇÃO ENTRE TELAS E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO
NARRATIVA**

Imperatriz
2025

EDUARDA MATOS BARBOSA

A RELAÇÃO ENTRE TELAS E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO NARRATIVA

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM), como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Edilmar de Sousa.

Imperatriz
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Barbosa, Eduarda Matos.

A relação entre telas e o desenvolvimento infantil: uma
revisão narrativa / Eduarda Matos Barbosa. – 2025.
57 f.

Orientador(a): José Edilmar de Sousa.

Monografia (Graduação) – Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Ufma, 2025.

1. Telas. 2. Desenvolvimento Infantil. 3. Crianças.
I. Sousa, José Edilmar de. II. Título.

EDUARDA MATOS BARBOSA

A RELAÇÃO ENTRE TELAS E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO NARRATIVA

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM), como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Edilmar de Sousa.

Aprovada em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Edilmar de Sousa (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Profa. Ma. Aline Borges da Silva (Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Profa. Dra. Késsia Mileny de Paulo Moura (Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Dedico este trabalho à Francisco Araújo Barbosa (*In memoriam*), um avô amoroso, engraçado e eterno em meu coração. Aos meus pais, Antonia Ribeiro e Francivaldo Chaves por todo apoio e direcionamento, e por sempre ser presença independente da distância. Ao meu irmão que é meu bem mais precioso. À minha família, em geral, por todo apoio e esforços dedicados à mim.

Agradecimentos

Concluir esse processo de escrita talvez foi uma das coisas mais difíceis e importantes que tive de fazer e, durante esse processo, recebi suporte de muitas pessoas às quais desejo atribuir os meus agradecimentos.

Agradeço, primeiramente, a Deus que me deu a capacidade de passar pelo processo de graduação em Pedagogia, e sempre esteve presente em todos os momentos me dando força, consolo, direcionamento, provisão e paz.

Aos meus pais, Antonia Ribeiro Matos Barbosa e Francivaldo Chaves Barbosa, que sempre me incentivaram, apoiaram e me direcionaram para os caminhos certos, sempre presente quando precisei.

À minha família inteira, em especial, aos meus avós, que me acompanharam durante esse processo e, me deram suporte, mais uma vez, quando meus pais foram morar fora, toda a minha gratidão.

Ao meu irmão, João Guilherme Matos Barbosa e meu namorado, João Vitor Rodrigues Soares, por estarem comigo e me proporcionarem momentos divertidos e de lazer, trazendo paz aos dias complicados.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Edilmar de Sousa, por me direcionar e me apoiar em momentos de crise. Quantas vezes pensei que não conseguiria e seus conselhos me traziam paz, e me faziam voltar ao trabalho.

À banca composta por duas professoras maravilhosas, Prof. Dra. Kessia Mileny de Paulo Moura e Prof. Ma. Aline Borges da Silva, as quais me inspiram como pedagogas, em suas aulas, e também como pesquisadoras desse campo da Tecnologia. Agradeço pelo aceite em fazer parte de um projeto tão especial para mim.

Agradeço, também, aos meus professores e professoras do Curso de Pedagogia, os quais contribuíram tanto para minha formação, cada um e cada uma com sua forma única de chegar aos alunos, despertaram em mim grande admiração. Obrigada por serem pedagogos e pedagogas compromissados com o direcionamento de tantos, obrigada por ser mais que um auxílio.

Um agradecimento especial à todos os meus amigos, incluindo minhas companheiras de curso que me auxiliaram nessa jornada longa e cheia de obstáculos,

mas também tão cheia de realizações e conhecimentos. Acredito que o caminho seria muito árduo sem a presença de todos vocês.

Com o coração transbordando de gratidão e realização, finalizo esse trabalho com a convicção de que fui capaz, e de que o Curso de Pedagogia me trouxe inúmeras bênçãos, que eu nem sabia que precisava. Muito obrigada à todos que participaram comigo deste sonho que agora realizo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a relação entre telas e o desenvolvimento infantil a partir da literatura acadêmica dos últimos cinco anos, e tem como objetivos específicos: a) Identificar os emergentes em torno da relação entre o uso de telas na atualidade e suas influências sobre o desenvolvimento infantil e b) Analisar a influência das telas sobre o desenvolvimento infantil a partir da produção acadêmica relacionada ao tema. A partir de uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, a pesquisa buscou apresentar as possíveis implicações que as telas digitais apresentam para o desenvolvimento infantil como um todo, em seus aspectos cognitivo, social, motor, afetivo, entre outros. O trabalho âncora-se no referencial teórico sobre Tecnologias e Desenvolvimento Infantil, a partir de autores como Kenski (2007), Desmurget (2023), Guimarães (2016), Bock *et al* (2001). Diante dos achados, a partir das discussões, observou-se temas recorrentes nos textos. Entre estes, o uso precoce, o uso excessivo e a substituição de atividades essenciais, os quais foram abordados nos trabalhos encontrados e analisados. Essa pesquisa foi realizada a partir de uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, que dialoga com os textos buscados nas plataformas Capes Periódicos e Google Acadêmico através dos descritores “Telas” ; “Desenvolvimento Infantil”, onde a partir dos critérios de filtragem de inclusão e exclusão foram selecionados 10 trabalhos. As telas digitais influem diretamente no desenvolvimento infantil, principalmente se essas crianças são expostas de maneira precoce, frequentemente e/ou substituem atividades essenciais para o seu desenvolvimento, acarretando sérios riscos de problemas de saúde integral, como obesidade, depressão, ansiedade, desregulação emocional, falta de interação social etc. Conclui-se, a partir destes achados, que para haver um bom aproveitamento dessas ferramentas digitais por parte das crianças devem haver medidas por parte dos pais para mediar essa relação para que a mesma não traga prejuízos às crianças.

Palavras-Chave: Telas; Desenvolvimento Infantil; Crianças; Mídias digitais.

Abstract

This study aims to understand the relationship between screens and child development based on academic literature from the past five years. The specific objectives are: a) to identify emerging issues regarding the current use of screens and their influence on child development; and b) to analyze the influence of screens on child development based on academic research related to the topic. Through a narrative literature review, this research seeks to present the possible implications of digital screens on child development as a whole, considering cognitive, social, motor, affective, and other aspects. The study is anchored in the theoretical framework of Education and Technology, drawing on authors such as Kenski (2007), Desmurget (2023), Guimarães (2016) and Bock *et al* (2001). Based on the findings and discussions, recurring themes were observed in the analyzed texts. Among them were early exposure, excessive use, and the replacement of essential activities—topics frequently addressed in the selected works. This research was conducted through a narrative literature review, using sources obtained from the Capes Journals platform and Google Scholar, with the descriptors "Screens" and "Child Development." Applying inclusion and exclusion criteria, 10 studies were selected. Digital screens have a direct impact on child development, especially when children are exposed at an early age, frequently, and/or in ways that replace essential developmental activities. This can result in serious risks to their overall health, such as obesity, depression, anxiety, emotional dysregulation, lack of social interaction, among others. Based on these findings, it is concluded that for children to make good use of digital tools, parents must take steps to mediate this relationship to prevent harm to the child.

Keywords: Screens; Child Development; Children; Digital Media.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO: DO PRIMEIRO CLIQUE A OUTROS.....	11
1.2 Loading..telas, crianças e seus desenvolvimentos.....	12
2. INFÂNCIAS CONECTADAS: UM OLHAR TEÓRICO SOBRE TELAS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	14
2.1 Navegando nas Novas Tecnologias.....	17
2.2 Educação Infantil.....	19
2.3 Desenvolvimento Infantil.....	23
3. MAPEANDO CONEXÕES: CAMINHOS PERCORRIDOS E SEUS RESULTADOS.....	26
3.1 Procedimentos Metodológicos.....	26
3.2 Entre luzes e sombras digitais.....	29
3.2.1 O uso precoce.....	31
3.2.2 O Uso Excessivo das Telas.....	36
3.2.3 A substituição de atividades essenciais.....	42
4. PARA ALÉM DAS TELAS.....	51
5. REFERÊNCIAS.....	54

1.INTRODUÇÃO: DO PRIMEIRO CLIQUE A OUTROS

Desde o primeiro contato que tive com esse tema me despertou uma imensa curiosidade. Sempre que ouvia falar ou pesquisava sobre me enchia ainda mais de questionamentos. Trabalhar em escola e estar lidando de perto com essa questão me fez compreender que era algo que precisava ser debatido, refletido. Além disso, estar próximo das crianças e perceber como essa relação lhes afetava em alguns pontos me deixava triste.

Então, decidi que primeiro iria estudar sobre, pensando em trazer esses questionamentos e possíveis soluções para dentro de sala de aula, dentro do meu contexto, no contato com meus alunos e também com os pais. Assim, acabou sendo uma discussão tão relevante dentro do contexto em que eu estava inserida, além de ser algo em que eu realmente estava me aprofundando que não tive como não escolher esse tema para meu trabalho de conclusão de curso.

Fico em estado de êxtase ao pensar que realizei uma pesquisa com esse tema do qual tenho grande apreço e que se fez presente em partes da minha jornada acadêmica, e em todo meu processo como auxiliar e professora em uma escola da rede privada em Imperatriz/MA.

Um dos meus desafios perante essa construção está diretamente relacionado à quantidade de ramificações que esse tema pode nos proporcionar, porque tudo parece ser muito interessante de ser refletido. Neste sentido, muitas vezes eu estive imersa dentro de um questionamento que me levou a outros e outros e, com certeza, a experiência de escrever esse trabalho me trouxe diversos conhecimentos.

Compreendo que esse tema ainda será discutido por muito tempo, afinal, a cada dia, as tecnologias se renovam e se fazem ainda mais à frente do tempo. Às vezes até sinto que já estamos falando de algo que já passou. Que essa pesquisa seja capaz de despertar em todos que lerem, curiosidades e vontade de buscar, compreender, analisar esse e tantos outros temas que ocorrem na nossa sociedade.

1.2 Loading..telas, crianças e seus desenvolvimentos

Nos últimos anos, a tecnologia e os seus dispositivos estiveram cada vez mais presentes em nosso meio, trazendo praticidade e acessibilidade. Esses dispositivos se tornam, hoje em dia, essenciais para as diversas áreas de nossas vidas, nos tornando cada vez mais dependentes deles. Observando esse processo, percebemos que houve transformações em todos os âmbitos da sociedade, como também nos seus aspectos legais, culturais, sociais e educacionais, assim, propiciando contribuições à todas as pessoas e idades.

A geração de Millennials¹, que são pessoas nascidas entre os anos de 1980 e 1990, acompanhou o surgimento da era digital e seus dispositivos, incluindo os primeiros *smartphones*. Diante disso, depois surge a Geração Z², a geração nascida depois de 1990, que tiveram contato com tecnologia desde o seu nascimento, considerados Nativos Digitais³, já que nasceram em um mundo mergulhado em tecnologias e aparelhos eletrônicos digitais. Acompanhando esse raciocínio, percebemos que essas duas gerações têm sido impactadas de formas diferentes e isso nos leva a pensar e questionar como a geração de nativos digitais foi influenciada por esse processo? E, de que modo isso influi em seu comportamento e hábitos? É o que discutiremos no decorrer desta pesquisa.

Sabemos que a primeira infância é uma etapa importantíssima no desenvolvimento de uma criança, pois é nesse processo que se constroem as bases que sustentarão o seu desenvolvimento integral e, é o momento onde a criança vai aos poucos descobrindo e aprendendo a viver no mundo. Essa fase se caracteriza por ser

¹ Strauss e Howe, termo criado para descrever uma geração com características sociais, culturais e comportamentais marcadas pela transição para a era digital e globalização.

² Termo denominado em contextos de marketing e pesquisas populacionais para nomear a geração nascida após meados dos anos 1990 até o início de 2010.

³ Marck Prensky termo utilizado para diferenciar nativos digitais (pessoas que nasceram e cresceram imersas em tecnologias digitais) e imigrantes digitais (pessoas que nasceram antes dessa era e precisaram se adaptar).

bastante exploratória, de muita observação e até de imitação de comportamentos das pessoas mais próximas. É dessa forma, portanto, que a criança consegue ler o mundo, aplicar o que se aprende e, conseqüentemente, se desenvolver.

Meu primeiro despertar para essa temática surge ao fazer parte do corpo docente de uma escola de rede particular, localizada no município de Imperatriz/MA. Ali, observei as inquietações dos pais e familiares a respeito do comportamento de seus filhos frente ao uso de telas. Por dias, observei, não só no ambiente escolar, esse contato de crianças com telas digitais e fiquei curiosa para entender como acontecia essa relação, e até em que ponto ela era saudável. A escolha desse tema se justifica pela crescente presença das tecnologias digitais na vida das crianças, especialmente nos primeiros anos de vida onde as mesmas estão em um processo mais sensível de desenvolvimento. A partir desse momento, me vi motivada a buscar mais informações e, para mim, ficou claro que seria inevitável a escolha desse tema para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Visando a construção de um ambiente digital mais seguro, o Governo Federal, a partir da Secretaria de Comunicação Social (2025), lançou um guia de uso de dispositivos digitais intitulado: “Crianças, Adolescentes e Telas. Guia Sobre Usos de Dispositivos Digitais”. Este documento apresenta orientações para um uso saudável, trazendo aspectos que acreditam ser relevantes para um consumo agradável como: mediação parental, observar a classificação indicativa para cada idade, estar ciente dos riscos além dos que impactam a saúde física e mental, os riscos também encontrados em ambientes digitais. Diante disso, aqui se revela a relevância desse tema que está tão presente em nossa realidade nos dias de hoje, ao perceber que o uso de telas por crianças passa a ser percebido como um risco à saúde declarado pelo Governo Federal como possível risco, é necessário nos questionarmos e compreendermos a realidade em que vivemos e o que podemos fazer para melhorar esse contexto.

Desta forma, esta pesquisa se destaca pela necessidade investigativa de compreender, a partir da literatura, no campo da Educação, como tem sido o desenvolvimento de crianças frente ao uso de telas. Para tanto, guiada pela necessidade de compreender acerca deste campo, cheguei à seguinte **questão de**

pesquisa: qual a relação entre telas digitais e o desenvolvimento infantil a partir da produção acadêmica na atualidade?

A partir da questão norteadora, foi possível definir o **objetivo geral**, a saber: compreender a relação entre as telas e o desenvolvimento infantil a partir da literatura dos últimos 5 anos. E como **objetivos específicos**:

- Identificar as discussões emergentes em torno da relação entre o uso de telas na atualidade e suas influências sobre o desenvolvimento infantil o desenvolvimento infantil;
- Analisar a influência das telas sobre o desenvolvimento infantil a partir da produção acadêmica relacionada ao tema.

Para fins de organização, este trabalho está estruturado em dois capítulos, além desta introdução e as considerações finais, os quais são: Tecnologias, infância e educação: perspectivas teóricas e Metodologia e Resultados. No segundo capítulo, apresento a base conceitual de Tecnologia, Desenvolvimento infantil e Educação infantil, ancorado nos estudos de autores, como: Kenski (2007), Desmurget (2023), Nobre (2021), Kishimoto (2010), Sousa (2011), Bock *et al.* (2001), entre outros. Por conseguinte, no terceiro capítulo, apresento os procedimentos metodológicos de geração de dados, como também discuto acerca dos resultados da pesquisa e por fim trago as considerações finais.

2. INFÂNCIAS CONECTADAS: UM OLHAR TEÓRICO SOBRE TELAS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Neste capítulo, abordo sobre as bases conceituais que estruturam esta pesquisa, considerando as Tecnologias em seu conceito amplo e específico voltado às telas digitais, a Infância, caracterizada pelo desenvolvimento infantil de crianças e a Educação Infantil, conforme a legislação educacional do Brasil.

2.1 Tecnologias: o novo digital

Ao pensarmos em tecnologias na atualidade, tendemos, quase sempre, a relacionar com dispositivos digitais e aparelhos eletrônicos que estão presentes no nosso cotidiano, tais como computadores, *smartphones* etc. A verdade é que a tecnologia tem um sentido bem mais amplo e incorpora bem mais quesitos do que imaginamos.

Kenski (2007) define a tecnologia como o “conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e a utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade”. Ou seja, a tecnologia está presente em nossas vidas desde as primeiras civilizações, desde o descobrimento da roda, por exemplo, até a invenção do mais novo *iphone* da última moda. Isso nos mostra que a tecnologia vai muito além dos instrumentos que ela nos oportunizou, mas também está no processo de planejamento, técnicas para melhorar hábitos, isto é , tudo que engloba facilitar as nossas experiências, como é possível inferir a partir das considerações de Kenski (2007, p. 21),

A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social. A descoberta da roda, por exemplo, transformou radicalmente as formas de deslocamento, redefiniu a produção, a comercialização e a estocagem de produtos e deu origem a inúmeras outras descobertas.

Quanto ao que afirma esta autora, conseguimos compreender a relevância das tecnologias, principalmente nos dias de hoje. A tecnologia é responsável por facilitar a comunicação, acesso à informação e conhecimentos, aprimorar a produtividade, estimular a criatividade para novas inovações, melhorar a qualidade de vida ao oferecer avanços na saúde e, além disso, mover o mercado de trabalho em todos os âmbitos. Não podemos esquecer que, diante do período pandêmico da COVID-19, as tecnologias digitais foram de suma importância para que algumas atividades não parassem, a exemplo do ensino remoto adotado por algumas Instituições de Educação Básica e Educação Superior, para dar continuidade às aulas, como também possibilitou que continuássemos estudando, trabalhando e nos comunicando com outras pessoas.

A tecnologia hoje é capaz de impactar sobre muitas áreas, pensando nela como uma engrenagem, percebemos que ao funcionar ela vai mobilizando muitas áreas ao mesmo tempo, isso nos mostra o quanto ela influi em nossas vidas, estando presente em cada espaço, em cada momento. Apesar disso, é importante que pensemos também como os avanços tecnológicos, a cada dia, acabam nos moldando e prendendo em uma bolha onde não podemos evitar o contato com a tecnologia. Não que isso seja algo totalmente ruim, mas, de certa forma, não temos mais a liberdade de escolher ficar completamente sem esse contato já que hoje o mundo é movimentado a partir disso. De fato é necessário olharmos para os nossos hábitos e rever até que ponto as novas tecnologias estão nos auxiliando ou fazendo em nosso lugar.

Assim, uma compreensão ampla da noção de tecnologia se faz necessária para não incorrer no risco de reduzi-las às novas tecnologias digitais, uma vez que, historicamente, estamos cercados por tecnologias em diferentes dimensões da vida em sociedade. Cachapuz *et al.* (2005) destacam que a tecnologia não deve ser abordada de forma desconectada do desenvolvimento científico, uma vez que, em uma visão tradicional, a tecnologia é vista como um mero conjunto de instrumentos técnicos neutros sem uma vinculação com os aspectos culturais e sociais mais amplo como a ciência, por exemplo.

Na contramão dessa ideia, os autores defendem a tecnologia como um fenômeno social e cultural com implicações éticas, ambientais, políticas e culturais. Nessa perspectiva, cabe considerar as tecnologias, no plural mesmo, seja pelo volume de artefatos tecnológicos que a humanidade têm criado, seja pela pluralidade de concepções de tecnologia que atravessam a sociedade. Neste sentido, cabe considerar a afirmação de Freire (1996, p. 18) quando diz: “divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado”. Esta assertiva do autor nos convoca à construção de um pensamento crítico e reflexivo que reconheça, por um lado, os benefícios das tecnologias e, por outro, os riscos de uma compreensão ingênua que não perceba os limites das tecnologias ou os problemas que possam decorrer de muitas delas.

Na atualidade, surgiram novos tipos de tecnologias, aquelas que hoje conhecemos e temos um contato maior, são elas as TICs, Tecnologias da Informação e

comunicação, e TDICs, Tecnologias Digitais da Informação e comunicação. Para aprofundar esses conceitos, a seção a seguir, aborda melhor tais conceitos.

2.1 Navegando nas Novas Tecnologias

Inicialmente, é preciso que percebamos o avanço nas tecnologias digitais e que, desta forma, hoje estamos em contato direto e mais frequente com elas. A exemplo disso, os *smartphones* que hoje é uma ferramenta utilizada por mais da metade da população.

A popularização dos smartphones no Brasil nos últimos anos representa um marco na transformação digital da sociedade. Segundo dados da PNAD Contínua TIC (IBGE, 2024), cerca de 88,9% da população com 10 anos ou mais já possui celular para uso pessoal, com destaque para a faixa de 30 a 39 anos, que alcança 96,5%. Esse índice demonstra que o dispositivo tornou-se não apenas uma ferramenta de comunicação, mas um mediador das relações sociais, do consumo de conteúdo e das práticas profissionais e educacionais. Ainda, 97% dos domicílios brasileiros contam com pelo menos um aparelho celular, reforçando seu papel como tecnologia amplamente difundida e indispensável no cotidiano. Esses dados recentes do IBGE revelam como os smartphones e, por conseguinte, as telas estão bastante presentes no cotidiano dos brasileiros. E nossa inquietação parte para esta presença e influências na vida das crianças e, por consequência, nos seus processos de desenvolvimento e aprendizagem.

Segundo o autor Desmurget (2023), a partir dos dois anos de idade, crianças em países ocidentais acumulam cerca de 50 minutos diante de telas, de 2 à 8 anos, 2 horas e 45 minutos, de 8 à 12 anos até 4 horas e 45 minutos e entre 13 e 18 anos até 7 horas e 15 minutos. Isso nos mostra como crianças que são expostas desde os primeiros anos de vida tendem a acumular a cada ano mais horas, o que de fato é preocupante quando se percebe que esse tempo é um tempo significativo na vida de crianças em idade escolar, como reafirma o autor “ao longo dos 18 primeiros anos de

vida, eles representam o equivalente a quase 30 anos letivos, ou, se preferimos, 15 anos de um emprego em tempo integral” (Desmurget, 2023, p.9).

Em contrapartida, o celular é uma ferramenta que possibilita a nossa conexão e interação e por sua vez, é um equipamento que se encontra no grupo de TICs, as tecnologias da informação e comunicação, que são instrumentos, dispositivos, ferramentas que mediam os processos informacionais e comunicativos, outros exemplos são aqueles mais tradicionais como televisão, rádio, jornal, revistas, cinema e etc.

Depois desse avanço ainda podemos contar com aquelas inovações que surgiram logo após, consideradas ainda mais revolucionárias, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICS), estas abrangem todos os dispositivos digitais e que possibilitam ambientes virtuais, recursos de multimídia interativos, além de games com realidade aumentada.

De acordo com o Relatório de Monitoramento Global da Educação, que teve como tema “a tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem?”, as TDICS são consideradas um potencial significativo para a transformação da educação, indo além das TICs e isto se deve porque,

Surgiu uma indústria da tecnologia educacional que se concentrou, por sua vez, no desenvolvimento e na distribuição de conteúdo educacional, nos sistemas de gestão da aprendizagem, nos aplicativos de línguas, na realidade aumentada e virtual, nas aulas particulares personalizadas, e em testes. (UNESCO, 2023 p. 9).

Ou seja, as TDICS chegaram para transformar a nossa realidade, inclusive no âmbito educacional, trazendo muitas possibilidades, e hoje já podemos perceber que elas já avançaram em métodos também de inteligência artificial. Dessa forma, é correto afirmar que estamos imersos nessa dimensão e sujeitos a passar pelo menos horas diante dessas tecnologias, percebemos então a proporção que elas alcançaram e como estão cada vez mais presentes em nosso meio. Diante disso, já conseguimos observar que de certa forma muitas dessas tecnologias estão sendo usadas incorretamente.

Apesar de termos avançado para uma comunicação e interação mais com mais praticidade, o que no cenário atual se observa são um turbilhão de informações, muitas

vezes, *fakes news*, além de muita degradação virtual como cyberbullying, conteúdos impróprios e etc. Como pontua Guimarães (2016, p. 97-98):

A facilidade de acesso a materiais dos mais diversos por parte das crianças, independente da censura, é algo que preocupa a maioria dos interessados na infância...Não somente a facilidade de consumo “impróprio”, mas também os perigos da exposição das crianças nos ambientes virtuais é algo que preocupa diretamente os adultos. Diversos casos de crimes virtuais de pedofilia chocam e pais, professores e políticos.

Esse de fato é um dos pontos que mais nos preocupam acerca do uso das tecnologias, principalmente as novas que possibilitam ambientes virtuais, que possibilitam muitas vezes o contato de crianças com anônimos. Para confirmar esses casos uma matéria publicada por Cruz (2025), indica que plataformas de jogos online como *Roblox* e *Minecraft*, jogos bastante queridos por crianças e adolescentes estão servindo para levar os menores para o *discord*, que é uma plataforma que permite criar grupos de usuários onde em troca de liderança dentro desses grupos os usuários propõem desafios e dialogam entre si por meio de ligação de voz. “Ali dentro ocorrem as mais perversas formas de crime, desde [incentivo a] automutilações, cyberbullying, estupro virtual e até tentativas de suicídio infanto-juvenil.” (s/p)

Diante desse e de tantos outros acontecimentos, devemos nos preparar para mediar esse contato da forma correta, para que as crianças não caiam em golpes do tipo como também não tenham contato com ambientes virtuais de procedência duvidosa.

Assim, devemos pensar juntos em estratégias para que as ferramentas tecnológicas sejam usadas de fato para o que foram criadas, auxiliar em todos os processos, além disso devemos nos posicionar de forma que esse uso aconteça no tempo correto, com horários limitados e com supervisão e mediação, só assim poderemos realmente dar condições significativas para que as crianças evoluam.

2.2 Educação Infantil

A Educação Infantil é definida legalmente como a primeira etapa da educação básica, conforme é destacado no artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN):

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Esta definição legal é importante, pois demarca a consolidação de um movimento de luta pelo reconhecimento da educação como direito da criança pequena inaugurado pela Constituição Federal de 1988, que reconhece a criança como sujeito de direitos. Sobre a definição da Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, Sousa (2011) reflete que a escolha do termo educação, diferente de ensino como denomina as etapas seguintes, não é uma escolha aleatória do legislador, pois tem a ver com a distinção entre os dois conceitos, embora estejam diretamente ligados.

Segundo Sousa (2011) a terminologia usada (“educação” em vez de “ensino”) reforça seu caráter mais amplo e voltado para o desenvolvimento integral da criança — físico, psicológico, intelectual e social. Segundo o autor, a partir de documentos oficiais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), a criança pequena é vista como um sujeito de direitos, que aprende por meio das interações sociais, o que exige práticas pedagógicas sensíveis e específicas.

Amparado nas definições das DCNEI, o autor prossegue apontando que o currículo na Educação Infantil também guarda especificidades e, portanto, deve articular experiências da criança com o conhecimento cultural, sem se limitar a conteúdos escolares formais, considerando, assim, a ampla finalidade da Educação Infantil, conforme o artigo 29 da LDB, mencionado acima.

Por fim, no capítulo 1 de sua dissertação de mestrado, Sousa (2011) defende que a formação dos/das profissionais da educação infantil precisa considerar as peculiaridades da infância, o que ainda é um desafio nos cursos de Pedagogia.

Dessas peculiaridades, o autor ressalta que a resolução nº 05/ 2009 das DCNEI reforça que o cuidado e a educação são práticas indissociáveis. Ou seja, uma das características da Educação Infantil é a indissociabilidade das ações de educar/cuidar, ou dito em outras palavras, o binômio educar e cuidar.

Conforme Jorge e Machado (2024), o cuidado e a educação na primeira infância são dimensões indissociáveis que contribuem para o desenvolvimento integral da criança. Atender às necessidades físicas, emocionais e cognitivas, por meio de ambientes acolhedores e práticas pedagógicas intencionais, fortalece vínculos afetivos e promove a aprendizagem significativa. A parceria entre escola e família e o respeito à individualidade infantil são considerados essenciais nesse processo (Jorge e Machado, 2025).

Para Bem (2017), articulação entre o cuidar e o educar na Educação Infantil deve ser compreendida como uma prática pedagógica integrada e importante para o desenvolvimento da criança. Para tanto, a autora defende que os professores precisam aprofundar seus conhecimentos teóricos, a fim de oferecer experiências educativas significativas que respeitem a singularidade e a condição histórica das crianças.

Outro aspecto característico da Educação Infantil diz respeito à ludicidade como uma característica importante do trabalho pedagógico nesta etapa. Inclusive, as DCNEI estabelecem que o currículo na Educação Infantil deve ser norteado pelas interações e a brincadeira. Esta compreensão nos parece basilar ao se pensar práticas pedagógicas com crianças pequenas, haja vista que o brincar propicia múltiplas possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem da criança, conforme Kishimoto (2008).

Dando continuidade a esta reflexão, Kishimoto (2010) argumenta que o brincar é uma atividade de extrema relevância para o desenvolvimento integral da criança na

Educação Infantil, promovendo aprendizagens cognitivas, emocionais e sociais por meio de múltiplas linguagens e interações significativas com adultos, outras crianças, brinquedos e o ambiente. A autora defende que o currículo deve valorizar a cultura lúdica infantil e respeitar a diversidade, incorporando experiências sensoriais, expressivas e narrativas, além de considerar aspectos éticos, estéticos, culturais e tecnológicos, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais.

As DCNEI, definidas pela Resolução nº05 de 2009 do Conselho Nacional de Educação, são um documento importante para a consolidação da identidade da Educação Infantil. Este documento apresenta definições importantes no que se refere à Educação Infantil, tais como concepções de criança, currículo entre outras.

As DCNEI, conforme analisadas por Oliveira (2010), redefinem concepções fundamentais sobre a infância, o currículo e as práticas pedagógicas. A criança é compreendida como sujeito histórico, ativo em seu desenvolvimento e produtor de cultura, cuja aprendizagem se dá por meio de interações e experiências significativas com o meio, com outras crianças e com adultos. O currículo, por sua vez, é entendido como um conjunto de práticas educativas mediadas por contextos socioculturais que articulam os saberes infantis com os conhecimentos da sociedade, valorizando o projeto pedagógico da instituição. As diretrizes reforçam que a Educação Infantil deve promover o desenvolvimento integral da criança, por meio de propostas que respeitem suas singularidades e incentivem a ludicidade, a autonomia e a construção de identidade, sempre em diálogo com as famílias e as comunidades.

É importante destacar que diversos autores e autoras estudiosos da Educação Infantil defendem a importância de se considerar a pluralidade que envolve a infância, ou melhor, as infâncias e, conseqüentemente, isso reflete no modo como concebemos e desenvolvemos as práticas pedagógicas na Educação Infantil. Gobbi (2010), por exemplo, defende que a infância deve ser reconhecida como uma construção social e histórica, marcada por múltiplas formas de expressão, como gestos, danças, desenhos e sons. Ela ressalta que, embora as crianças sejam naturalmente criativas e comunicativas, muitas práticas educativas ainda limitam essas manifestações. Gobbi

propõe que os adultos criem ambientes ricos e provocadores, nos quais linguagens artísticas — como teatro, literatura, fotografia, dança e música — estejam presentes no cotidiano infantil, permitindo às crianças explorar, expressar e construir sentidos sobre o mundo. Além disso, a autora destaca que as práticas pedagógicas devem valorizar a diversidade cultural e proporcionar experiências estéticas e lúdicas que respeitem os direitos das crianças como sujeitos ativos e criativos.

Neste sentido, a discussão sobre a relação entre o uso de telas e o desenvolvimento infantil torna-se mais relevante à medida que, se há alguma influência direta ou indireta, positiva e/ou negativa sobre o desenvolvimento das crianças, interfere na finalidade da Educação Infantil, conforme o artigo 29 da LDB, anteriormente citado. Desta forma, indagar sobre a relação entre telas e desenvolvimento infantil é buscar, na verdade, compreender os possíveis desdobramentos para o trabalho pedagógico na Educação Infantil. Nesta direção, é importante refletir sobre a noção de desenvolvimento infantil ainda que, brevemente, para anunciar um conceito relevante para esse estudo.

2.3 Desenvolvimento Infantil

Pensar em Desenvolvimento Infantil é pensar em algo muito específico, afinal todos nós já passamos por essa fase e talvez só agora nos damos conta do quanto carregamos e somos das experiências da primeira infância. A primeira infância é uma das fases mais importantes para o desenvolvimento da criança, pois é onde a criança inicia seu contato com o externo, onde começa a se desenvolver em diversos os aspectos tais como: cognitivo, social, emocional, e desenvolver sua capacidade intelectual, assim como afirma Nobre *et al.* (2021, p. 1128):

Principalmente na primeira infância, período de 0 a 6 anos de idade segundo os documentos brasileiros, se deve oportunizar a criança, vínculos afetivos saudáveis, espaço adequado para a liberdade de movimento, brincadeiras livres e disponibilidade de brinquedos e/ou materiais de aprendizagem, entre outros fatores.

Assim, é necessário que nos posicionemos de forma a possibilitar para a criança um ambiente que a proporcione estímulos suficientes para desenvolver habilidades básicas que servirão de suporte para os demais processos que essa criança passará, promovendo condições para um desenvolvimento pleno e integral.

Quando falamos em Desenvolvimento Infantil, pensamos em um conjunto de fatores relevantes para o crescimento saudável dessa criança. Dessa forma, é necessário observar que o desenvolvimento infantil abarca pelo menos três aspectos essenciais, o desenvolvimento cognitivo, social e o físico, entre outros.. Entendendo que o desenvolvimento infantil, em seu todo, ocorre com o passar da idade e, principalmente, com o ambiente e interações que o indivíduo vivencia indivíduo recebe, é necessário compreender as necessidades da criança em cada momento, para saber como estimular o que ela deve aprender.

Levando em consideração, os conhecimentos adquiridos no contexto da Universidade, recordo-me da Teoria de Desenvolvimento Cognitivo de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon os quais forneceram contribuições para a compreensão do desenvolvimento infantil. No livro “Psicologias: uma Introdução, Bock *et al.*” (2001) apresenta diferentes perspectivas sobre o desenvolvimento infantil e dentre elas, compreendemos que estes três autores, cuja influência é marcante nos documentos oficiais brasileiros, são importantes para delinear a compreensão acerca do desenvolvimento infantil.

Segundo os autores, Piaget, em seus estudos, enumera cerca de quatro Estágios do desenvolvimento, em que cada estágio ele apresenta a idade e os processos que estão ocorrendo com a criança. Em linhas gerais, o estágio sensório motor, inclui crianças de zero a dois anos , e é o momento que a criança reconhece a existência de um mundo externo, já no estágio pré-operatório que incluem crianças de três a sete anos, as crianças estão desenvolvendo relações sociais e é a fase marcada pelo surgimento da linguagem oral. No estágio operatório-concreto, são crianças de sete a doze anos, que já conseguem resolver as primeiras operações concretas e, por fim, o estágio operatório formal, em que já se inicia um raciocínio lógico e um pensamento abstrato.

Portanto, na visão Piagetiana apresentada pelos autores, o desenvolvimento infantil é marcado por etapas e/ou processos, cada um com sua especificidade. De acordo com esses registros, percebemos como os primeiros anos de vida são mais sensíveis e ainda assim tratam de funções base para a maturação de um indivíduo. Dessa forma, como mediadores das experiências das crianças com o mundo em geral, devemos nos atentar para como o mundo em que vivemos hoje está impactando na infância das nossas crianças.

Sobre a teoria histórico-cultural de Vygotsky, Bock *et al.* (2001) apontam que o psicólogo russo: Introduz o enfoque sócio-histórico, enfatizando o papel das interações sociais e da linguagem como motores do desenvolvimento. Seu conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é chave para entender como o aprendizado ocorre com apoio externo. Este autor se torna, então, um dos fundamentos mais relevantes para respaldar a ideia de mediação, por meio da qual o outro, que representa a cultura e o meio social, possibilitam ao indivíduo a internalização, apropriando-se cultura e, por consequência, desenvolvendo suas funções psicológicas superiores, ultrapassando as suas funções psicológicas elementares.

Já sobre Henry Wallon, os autores o apresentam como um teórico importante na compreensão do desenvolvimento humano, especialmente por seu enfoque integrador entre os aspectos afetivos, cognitivos e motores da criança. Segundo Bock *et al.* (2001), a teoria de Henry Wallon aborda visão Integrada do Desenvolvimento, pois, conforme os autores, Wallon considera que o desenvolvimento infantil ocorre em etapas que articulam motricidade, afetividade e cognição, em constante interação com o ambiente social. Ele propõe uma abordagem dialética em que os processos não são lineares, mas envolve avanços e retrocessos.

Este capítulo aborda as principais concepções sobre o desenvolvimento humano, discutindo as visões inatista, empirista/ambientalista e interacionista, com destaque para a última como abordagem mais integradora. Explora os conceitos de normalidade e patologia, bem como os modelos de mudança contínua e descontínua ao longo da vida. Apresenta teorias fundamentais — como as de Freud, Anna Freud, Erikson, Piaget, Vygotsky e Wallon — que ajudam a compreender os aspectos cognitivos, afetivos e sociais do sujeito, especialmente na adolescência. O capítulo

também enfatiza os fatores orgânicos, sociais e internos que influenciam o processo de desenvolvimento, evidenciando sua complexidade e singularidade.

Diante dessas formulações teóricas sobre o desenvolvimento infantil, inferimos diversas contribuições para a compreensão do desenvolvimento dos pequenos, bem como das implicações pedagógicas. Nesse contexto, sabemos que as novas tecnologias mudaram muitos processos e, dentro disso, mudaram nossos hábitos, comportamentos e os procedimentos de muitas coisas, trazendo facilidade em vários aspectos tanto nas comunicações e, também, na área da educação.

Ao refletir sobre o desenvolvimento infantil das crianças, tenho algumas indagações: como estão as nossas crianças em um mundo atravessado pelo digital? Como as novas formas de interação, as novas brincadeiras, os novos momentos de lazer e entretenimento estão impactando nesse desenvolvimento? São reflexões as quais poderemos discutir no decorrer dos próximos capítulos.

3. MAPEANDO CONEXÕES: CAMINHOS PERCORRIDOS E SEUS RESULTADOS

Neste capítulo, apresento o percurso metodológico traçado durante o desenvolvimento deste trabalho, o qual se divide em duas subseções, a quais são: 3.1 procedimentos metodológicos, que aborda sobre o processo de geração de dados e as etapas de busca, análise e o processo de filtragem para a melhor seleção dos estudos elencados. Em 3.2, resultados e discussões, apresento a análise dos dados, como também as reflexões acerca das categorias de análise que se dividem em: a) uso precoce; b) uso excessivo e c) substituição de atividades essenciais.

3.1 Procedimentos Metodológicos

Este estudo, de abordagem qualitativa, configura-se como uma pesquisa bibliográfica, por meio de uma revisão do tipo narrativa que, segundo Fernandes *et al.* (2023) consiste em uma pesquisa do qual os aspectos metodológicos estruturam-se não necessariamente de forma sistemática mas, que aborda reflexões, explorações e

consolida saberes científicos a partir de bases teóricas ou mesmo de contextos próprios já publicizados

Por meio da questão norteadora e dos objetivos elencados, sentimos a necessidade de fazer um levantamento bibliográfico, de modo a acessar as contribuições e/ou discussões da literatura em relação à temática abordada. Consoante Severino (2007, p. 122) a pesquisa bibliográfica é realizada a partir do registro de pesquisas existentes, localizadas nos arcabouços teóricos ou, em “documentos impressos, como livros, artigos e teses etc”.

Neste sentido, a pesquisa foi realizada através da base de dados Periódicos da Capes e Google Acadêmico, a partir do descritor: “telas e desenvolvimento infantil”. Pensamos em acrescentar “tempo de tela” como outro descritor, porém, pela quantidade de trabalhos que já pontuaram esse fator já mesmo no título dos trabalhos, optamos por não incluir visando encontrar outros fatores também relevantes que contribuíssem com o trabalho. Vale ressaltar que foram utilizadas duas plataformas e/ou base de dados por conta da relevância dos trabalhos científicos disponibilizados. Para melhor selecionar os trabalhos nas bases de dados, foi utilizado o recorte temporal de cinco (5) anos, compreendendo os anos de 2020 a 2025, tendo em vista encontrar as discussões mais recentes, levando em consideração os estudos no período de pandemia da Covid-19 e pós-pandemia, período em que o uso de telas pela população brasileira teve aumento significativo. Assim como confirma Costa *et al* (2021, p 21062):

Diante do atual cenário da pandemia de COVID-19, presencia-se um intenso aumento do uso delas, visto que com a restrição e isolamento sociais, entreter as crianças de forma ativa, brincando, lendo história, cozinhando, enfim produzindo habilidades necessárias para o seu crescimento e desenvolvimento exigem maior tempo e interação por parte dos seus responsáveis, diferente do recurso das mídias digitais que se torna uma solução prática e rápida.

No processo de busca, adotamos uso de alguns critérios de inclusão e exclusão. Desta forma, os critérios de inclusão foram: monografias, artigo de revisão bibliográfica e artigo de pesquisa empírica. Utilizamos também os critérios de exclusão que foram: dissertações, teses, ensaio teórico e trabalhos em língua estrangeira.

A tabela a seguir apresenta a quantidade de trabalhos encontrados, através do descritor, aplicando os critérios de inclusão e exclusão. (levando em consideração excluir aqueles que se repetiam em outras plataformas)

TABELA 1 – quantidade de trabalhos localizados a partir do descritor

PLATAFORMA	DESCRIPTORES	ANO	QUANTIDADE DE TRABALHOS
Periódicos da Capes	“telas e desenvolvimento infantil”	2020-2025	38
Google Acadêmico	“telas e desenvolvimento infantil”	2020-2025	15.700

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Tendo em vista o grande número de trabalhos encontrados em uma das bases de dados, Google Acadêmico, optei por selecionar os trabalhos a medida em que se aproximavam da temática, após a leitura dos títulos e resumos. Assim, vale destacar que, na base de dados Periódicos da Capes foi feita a leitura de todos os títulos e resumos encontrados, porém no Google Acadêmico pelo montante dos trabalhos achados, no momento em que foi realizada a leitura de alguns títulos e resumos, selecionei os trabalhos. Desta forma, levando em consideração os critérios de inclusão e exclusão, 10 trabalhos foram selecionados.

TABELA 2 – Relação dos artigos analisados e organizados

AUTORES/AS	TÍTULOS	ANO
Lia Rezende Carvalho Patricia Martins Pinto	A associação entre o uso de telas e o desenvolvimento infantil: uma revisão de literatura.	2023
Edriana Conrado de Castro	A influência das telas para o desenvolvimento infantil	2022
Rocha <i>et al</i>	Consequências do uso excessivo de telas para a saúde infantil: uma revisão integrativa da literatura	2022
Lins <i>et al</i>	Consequências do uso excessivo de telas no	2024

	desenvolvimento de crianças: uma revisão integrativa	
Nobre <i>et al</i>	Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância	2021
Thomaz <i>et al</i>	A intensificação do uso de telas e repercussões no desenvolvimento neuropsicomotor infantil	2024
Costa <i>et al</i>	Impacto das telas no desenvolvimento neuropsicomotor infantil: uma revisão narrativa	2021
Knupp <i>et al</i>	Implicações no desenvolvimento comportamental e emocional em crianças devido uso excessivo de dispositivos eletrônicos	2024
Vasconcelos <i>et al</i>	O impacto do uso excessivo de telas no desenvolvimento neuropsicomotor de crianças: uma revisão sistemática	2023
Santos <i>et al</i>	Os impactos do uso de telas no desenvolvimento cognitivo infantil: uma breve revisão de literatura	2024

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Estes trabalhos localizados compuseram o corpus da pesquisa, e serviram de base para a investigação do estudo. A seguir, apresento os resultados e discussões acerca da análise dos dados aqui apresentados.

3.2 Entre luzes e sombras digitais

No processo de leitura dos títulos e resumos encontrados nas bases de dados, para a seleção dos trabalhos, notou-se que grande parte dos artigos localizados centravam-se na área da saúde, tais como: Medicina, Fonoaudiologia, Psicologia, Enfermagem etc. Diante disso, percebemos que poucos trabalhos discutiam e/ou dialogavam acerca do uso de telas no contexto escolar, já que a maioria dos trabalhos pontuam o desenvolvimento infantil no seu sentido amplo e aspectos da saúde e a grande parte das pesquisas eram revisões de literatura e levantamento bibliográfico, que buscavam responder às contribuições e os malefícios do uso de telas por crianças pequenas.

Portanto, as discussões abordaram acerca de aspectos negativos do uso de telas por crianças pequenas, pouco destacando os aspectos positivos e as possibilidades desse uso para o estímulo em outras áreas, como por exemplo, a área educacional. Neste sentido, “a literatura demonstra de forma límpida e convergente que o tempo passado diante de telas domésticas afeta negativamente o bom desempenho escolar” (Desmurget, 2023, p. 81), assim olhando a cenário em que estão inseridas às crianças, nos questionamos de que forma as telas podem agir como instrumentos contribuintes ao trabalho de professoras e professores no contexto da Educação Infantil? Teria contribuições?

Partindo deste, por meio das leituras realizadas, foi observado que a relação entre as telas e o desenvolvimento infantil, se não for mediada de maneira correta, ou seja, de forma moderada pode causar um grande prejuízo ao desenvolvimento infantil, como também por consequência de longos períodos utilizando, a longo prazo podem surgir consequências para outras fases do desenvolvimento, como sintomas depressivos, de ansiedade, disfunção em relacionamentos interpessoais e também um baixo desempenho escolar. Mais a frente, estes aspectos serão apresentados mais profundamente.

A este respeito, Castro (2022) destaca que, pelo menos três (3) fatores marcantes impactam no desenvolvimento infantil, sendo eles: o uso precoce, o uso excessivo e a substituição de atividades essenciais.

Nesse sentido, as telas têm se tornado cada vez mais uma aliada das famílias e, ao mesmo tempo, sem perceber, acabam por assumir o controle e/ou função dos pais no que se refere à ocupação de tempo com as crianças em momentos livres (Castro, 2022). Desta forma, é comum perceber que os familiares, no seu tempo de qualidade, em vez de brincar com as crianças acabam por entregá-las às telas como forma de distração, por ausência de disponibilidade do seu dia, acabam por não oferecer tempo às brincadeiras e momentos lúdicos, assim “esse tempo de qualidade é substituído por telas” (Castro, 2022, p. 26).

Levando em consideração que estes fatores são essenciais na discussão sobre a relação de telas e crianças, as discussões foram agrupadas nas categorias: Uso precoce, Uso excessivo e Substituição de atividades essenciais. Dentre o “uso

precoce”, os trabalhos de Castro (2022); Nobre *et al.* (2021) e Vasconcelos *et al.* (2023), para a categoria “uso excessivo”: Knupp *et al.* (2024); Thomaz *et al.* (2024) e Costa *et al.* (2021), e na categoria “substituição de atividades essenciais”: Rocha *et al.* (2022); Lins *et al.* (2024); Carvalho e Pinto (2024) e Santos *et al.* (2024).

3.2.1 O uso precoce

O uso precoce se refere ao contato de crianças pequenas com telas cada vez mais cedo, como destacam os autores Castro (2022), Nobre (2021) e Vasconcelos (2023), assim esse uso se refere ao uso de telas por crianças menores que dois anos de idade, que são expostas a esse contato muitas vezes com a finalidade de distração, entretenimento e até mesmo de atividades educativas digitais.

Castro (2022) em seu estudo exploratório a partir da questão norteadora “quais os aspectos e influências do contato precoce com as telas no desenvolvimento infantil?”, buscou por meio do objetivo geral: “explicitar a dissonância entre as ferramentas eletrônicas que são oferecidas como forma de ocupação para as crianças; E a inversão dos estímulos para a descoberta cotidiana nos primeiros anos de vida”.

Para atingir os objetivos e chegar à responder as questões de pesquisa, a autora construiu sua pesquisa a partir de fontes teóricas de estudos anteriores, objetivando explicitar a diferença entre telas oferecidas como forma de ocupação para crianças e os estímulos realmente necessários para o desenvolvimento das mesmas. Para Castro (2022), o uso de telas por crianças com menos de dois anos de idade não é recomendado devido aos impactos negativos obtidos não só na aprendizagem, mas também na formação integral infantil. Dessa forma, quanto mais cedo o contato e, quanto maior a frequência, concomitantemente os efeitos negativos tornam-se mais elevados, assim causando um impacto sobre seu desenvolvimento.

A autora ainda pontua a dificuldade que cresce a cada dia das famílias em promover brincadeiras presenciais e interações significativas reiterando a necessidade de um contato de telas por crianças mais tardio, já que desenvolver vínculos e brincar são atividades essenciais para o crescimento saudável de crianças. Em suas recomendações a autora reafirma que apesar das telas fazerem parte da realidade, na

primeira infância, esse uso deve ser criterioso e equilibrado de forma a promover experiências reais e interações humanas.

Na conclusão do estudo, Castro (2022) aponta que o uso excessivo e precoce das telas pelas crianças apresenta um risco significativo ao desenvolvimento infantil, principalmente na primeira infância, momento em que as crianças estão a desenvolver habilidades motoras, sociais, linguísticas, o brincar livre, como também desenvolver aspectos afetivos com os familiares e seu pares. Desta forma, podemos perceber o quanto as telas acabam por afetar algumas áreas do desenvolvimento integral, que acaba por interferir no aprendizado das crianças, pois o uso precoce de telas potencializa esse impacto.

Um outro estudo, realizado por Nobre *et al.* (2021) investigou os fatores determinantes do tempo de tela em crianças, a partir de uma pesquisa transversal exploratória onde os autores analisaram, 180 crianças na faixa etária de 24 a 42 meses agrupando-as em dois grupos, um para exposição a tela inferior a duas horas/dia e outro para exposição a tela superior a duas horas/dia. Para a coleta de dados utilizaram de aplicação de questionários aos pais e aplicaram o método Inventário de Recursos do Ambiente - RAF e Bayley III, para a avaliação do ambiente familiar e do desenvolvimento infantil, respectivamente.

Em relação ao uso precoce de telas por crianças, a pesquisa aponta o fator ambiental como um dos agravantes e/ou desencadeadores para o início do contato com telas, já que estar em um ambiente multi telas, ao redor de tv's; smartphones; tablets, pode influenciar e levar a essa criança ter um contato mais precoce. Além disso, é importante ressaltar que a recomendação pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) (2019) é que se evite a exposição de telas por crianças menores de dois anos de idade ainda que de forma passiva, de forma a prevenir os impactos das telas nessa faixa etária, pois assim como pontua Knupp *et al.* (2024, p. 4117), durante a primeira infância o cérebro da criança está em constante evolução tornando-o sensível a influências externas, dessa forma dispositivos eletrônicos como as telas digitais podem interferir em processos essenciais para o desenvolvimento da criança.

Segundo os resultados do estudo, cerca de 63% das crianças avaliadas foram expostas a mais de duas horas de tela por dia, sendo a televisão a mídia mais utilizada.

As autoras pontuam ainda que os fatores associados ao maior tempo de tela são: o nível econômico mais alto, onde famílias com o poder aquisitivo maior, apresentam até 3,5 vezes mais chances de ter tempo de tela superior a duas horas e o desenvolvimento de linguagem, onde crianças com melhor desempenho em linguagem expressiva tiveram 3,57 vezes mais chances de exposição a telas. Além disso, foi observado que os videogames foram pouco utilizados e que a escolaridade dos pais teve associação com o tempo de tela. Dessa forma, compreendemos que o tempo de tela por criança ultrapassa o recomendado, e que as crianças de nível econômico superior tendem a ficar mais tempo expostas.

Em suas recomendações, as autoras sugerem que seja interessante investigar também o tempo de telas dos pais, para verificar se há uma associação entre o uso de telas por parte das crianças. É importante nos atentarmos que para além de um ambiente com muitos dispositivos eletrônicos, a presença dos pais e pares comumente distante devido a frequência de telas influi no comportamento de crianças, não só pela presença com atenção reduzida mas também por transmitir que esse comportamento é aceitável, normal.

Além disso, as autoras reafirmam a necessidade de intervenções educativas e orientação para os pais sobre um uso consciente e que não prejudique o desenvolvimento da criança. Dessa forma se solidifica a necessidade de darmos uma atenção maior para esse cenário tão atual em nossa sociedade.

A pesquisa realizada por Vasconcelos *et al.* (2023), por meio de uma revisão sistemática, norteou-se pela questão norteadora: para crianças menores de 5 anos (P), o uso excessivo de telas (I) tem efeitos positivos ou negativos em seu desenvolvimento neuropsicomotor (Co)? A questão de pesquisa foi elaborada através da Estratégia PICO (População, Interesse, Contexto) que é uma ferramenta utilizada na área da saúde para formular questões de pesquisa. Como objetivo buscou investigar, através de uma revisão sistemática de literatura, o impacto do uso excessivo de telas no desenvolvimento neuropsicomotor de crianças.

Os autores revelam que sono adequado, alimentação saudável e prática de atividades físicas influem diretamente no desenvolvimento neuropsicológico, e indicam que o contato com as telas interferem nesse processo, promovendo alterações e

consequentemente afetando o desenvolvimento. Uma nutrição correta e saudável melhora o desempenho cognitivo facilitando futuramente a fluência e a leitura, de acordo com os autores o sono também é fator primordial para o bom desenvolvimento neuropsicológico, já que o mesmo é regulador do funcionamento cerebral, qualidade de sono é qualidade de vida.

Quanto a isso, percebe-se uma relação inversa entre a qualidade de sono e o uso de telas, pois quanto maior o uso de telas, menor a duração de sono, assim como destacam Lins *et al.* (2024) e Desmurget (2023). Neste sentido, os autores e autoras nos alertam acerca da importância de evitar o uso de telas, principalmente, nos horários de refeição e próximos ao horário de dormir, destacando também a necessidade da monitoração de telas principalmente nesses horários, a fim de evitar que a qualidade do sono das crianças sejam afetada.

Desmurget (2023 p. 198) em sua obra “A Fábrica de Cretinos Digitais” apresenta uma pesquisa realizada com 112 jogadores de basquete da liga profissional americana visando observar se o desempenho dos jogadores mudava ou não quando os jogadores deitavam mais tarde na véspera da partida, para isso observaram as estatísticas da performance e o uso da rede social Twitter, visando observar as atividades noturnas. Os resultados foram surpreendentes, como mostra os dados apresentados abaixo, em uma releitura da tabela apresentada pelo autor:

TABELA 3 - Releitura da tabela “Impacto da falta de sono sobre o indivíduo” apresentada por Desmurget (2023)

Aspecto	Diminuição	Aumento
Cognição	Tomada de decisão; atenção; memorização; maturação cerebral e desenvolvimento cognitivo; criatividade; resultados escolares; produtividade no trabalho	
Emoção		Desordens emocionais; impulsividade; hiperatividade; transtornos

		comportamentais; agressividade
Saúde	Obesidade; Diabetes do tipo 2; riscos cardiovasculares	Resposta imunológica; integridade celular; mortalidade; acidentes de trânsito e no trabalho; risco de demência

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Dessa forma, percebemos que os impactos sobre a saúde de um jogador são significativos e integrais impactando várias áreas do seu desenvolvimento. Assim se conclui, se em adultos que já possuem uma certa maturação biológica ocorrem tantos danos imaginemos então em uma criança, que está no processo de desenvolver esses processos. Ou seja, a falta de sono, ou sono desregulado afeta diretamente a saúde das crianças além de impedir que a própria se desenvolva da forma correta.

Em relação ao uso precoce, os autores destacam que há uma relação entre o uso precoce de telas e o desempenho escolar, foi observado que crianças que tiveram contato com as telas antes dos 3 anos obtiveram resultados de níveis mais baixos em relação a leitura de que crianças expostas aos 3 á 5 anos de idade. Dessa forma concordando com os demais autores, ao pontuar mais uma consequência do uso precoce de telas por crianças.

Assim é possível concluir que o uso precoce está muitas vezes ligado ao ambiente que essa criança se encontra, de maneira que as chances dessa criança ser apresentada cada vez mais cedo às telas está ligada ao ambiente multi tela ou não, que lhe rodeia. Além disso, esse contato pode influir no processo cognitivo da criança trazendo consequências futuras como é o caso da leitura que apesar de geralmente ocorrer entre os 4,5 ou 6 anos de idade, é um processo que pode ser alterado desde os primeiros anos de vida. Assim como também pode interferir na qualidade do sono e alimentação da criança, afetando o seu desenvolvimento como um todo, já que esses dois fatores são insubstituíveis quando falamos de saúde integral da criança.

3.2.2 O Uso Excessivo das Telas

Quanto ao uso excessivo entende-se como o uso prolongado de telas, por horas corridas, assim como pontuam em seus trabalhos os autores: Knupp *et al.* (2024), Thomaz *et al.* (2024) e Costa *et al.* (2021). Esses trabalhos em específico falam do desenvolvimento infantil em seu contexto mais amplo e ao mesmo tempo específico, pois são pesquisas que falam sobre o desenvolvimento neuropsicomotor levando em consideração a área cognitiva, comportamental, social e emocional das crianças, assim contemplando o desenvolvimento como um todo e observando como o uso excessivo afeta a todas essas áreas.

Knupp *et al.* (2024) construiu a sua pesquisa a partir de uma revisão integrativa qualitativa descritiva, a fim de investigar as implicações do uso excessivo de dispositivos eletrônicos no desenvolvimento cognitivo, emocional e social de crianças. Seu objetivo se baseou em analisar como a exposição prolongada a esses dispositivos afeta o desenvolvimento neuropsicológico, como também identificar as principais consequências negativas desse uso.

Os autores iniciam destacando que as crianças estão em presença constante com as tecnologias e os dispositivos eletrônicos, e isso nos remete a pensar sobre o uso dessas ferramentas pensando nas possíveis consequências para o desenvolvimento global da criança. Eles ainda salientam que o desenvolvimento infantil é um processo complexo e sensível que engloba o desenvolvimento como um todo da criança e fatores externos podem impactar de forma negativa, assim como as telas.

Mais a frente é destacado que o aumento de tela por crianças pode chegar a comprometer funções do cérebro como a função executiva, além disso, o uso por mais de três horas diárias afetam outras áreas como a memória e atrapalham em atividades que exigem resolução de problemas. Isso nos mostra como as telas não só afetam em muitas áreas do desenvolvimento infantil, como também atrapalham a sequência do processo, causando consequências para além do período em que está com aquele hábito.

Outro ponto importante que os autores ressaltam é a questão emocional e interativa que é completamente afetada por um uso exacerbado de telas. Como é

apresentado pelos autores, crianças que passam por longas horas expostas à telas tendem a ter uma desregulação emocional e são mais propensas a ter momentos de irritabilidade e ansiedade. O que nos alerta também para as possíveis doenças que são desencadeadas por esse estímulo excessivo.

Em relação a interação social, foi apresentado que essas crianças com mais horas de tela sentem mais dificuldade em interagir presencialmente. O uso passivo potencializa esse contexto, reduzindo as interações sociais e comportamentos importantes para o desenvolvimento social de crianças como a cooperação e empatia. Dessa forma, sabendo que essas práticas são essenciais e bases de um desenvolvimento saudável, devemos olhar de forma minuciosa a pensar uma forma de uso saudável e que não interfira em questões cruciais para o desenvolvimento de uma criança, afinal, sem interações presenciais e isso vale para todos, acabamos por transferir nossa humanidade as funções digitais, deixando realmente de ser o que somos, humanos.

O estudo conclui que é necessário estabelecer limites quanto ao tempo de uso e estimular atividades que contribuam no desenvolvimento da criança. Além disso, como recomendações, os autores destacam a importância da mediação parental frente a esse uso para que se encontre conteúdos que estejam adequados às crianças de forma a prevenir os efeitos negativos do uso das telas.

Um outro estudo bastante relevante sobre essa temática é o estudo de Thomaz *et al* (2024), que buscou avaliar a relação do tempo de uso de tela e atraso no desenvolvimento neuropsicomotor entre crianças de 0 a 12 anos, de forma a analisar e apresentar possíveis atrasos relacionados a esse uso. Para a coleta de dados foram avaliadas crianças de 0 a 12 anos em ambulatórios de pediatria, aplicando instrumentos como a Escala de Denver II, Teste de Lev Vygotsky, Escala M-CHAT, Mini-Mental State Examination e Marcos de linguagem, caracterizando a como uma pesquisa quantitativa, descritiva e inferencial, já que ela utiliza de um método estatístico que permite estimar parâmetros populacionais, testar hipóteses e prever tendências a partir de uma amostra de dados. Para a análise dos dados obtidos foi realizado uma planilha no Excel, a qual os autores por meio dela, correlacionaram os dados estatisticamente para obtenção dos resultados.

Um dos primeiros dados obtidos, revelado pela Escala M-CHAT, foi de quatro crianças que apresentaram risco de Transtorno do Espectro Autista (TEA), e uma que possivelmente apresentava retardo do crescimento intrauterino, porém essas cinco crianças foram excluídas do estudo já que são casos mais específicos e por essas condições poderiam apresentar resultados diferentes. Das crianças que foram incluídas no estudo, 7 tinham entre 0 a 2 anos, 6 de 2 a 5 anos e 22 de 5 a 12 anos, totalizando 35 crianças das 40 avaliadas pelos autores no período de dois meses.

A maior parte das crianças avaliadas eram do gênero masculino e quanto a quesitos gestacionais e acompanhamento médico, mais da metade das mães iniciaram o pré-natal antes dos três meses, 87% tiveram boa aceitação da gestação e todas estavam fazendo acompanhamento da criança em ambulatório de pediatria, esses dados evidenciam a importância do acompanhamento médico desde os primeiros meses de vida, de forma que os mesmos servem para indicar possíveis complicações na saúde da criança. Relacionando escolaridade materna, tempo de tela e condição socioeconômica, foi observado que, trinta e duas mães tiveram mais de 9 anos de estudo, 31 crianças utilizavam as telas mais de duas horas por dia e vinte e cinco crianças vinham de famílias com renda familiar menor que três salários mínimos. Já em relação a avaliação do desenvolvimento neuropsicomotor, quatorze crianças apresentaram atrasos no desenvolvimento, dentre estas, treze crianças estavam dentro do mesmo risco em relação às condições sociais, somente uma apresentou atrasos associados a escolaridade materna sendo menor que 9 anos, e onze das quatorze crianças que apresentaram atraso no desenvolvimento neuropsicomotor utilizavam mais de duas horas de tela por dia.

Os autores pontuam que existem diferentes ambientes nos quais as crianças se adaptam e que estes podem exercer influência em seu desenvolvimento tanto para estimular habilidades fazendo com que a criança seja capaz de realizar funções cada vez mais complexas quanto para o contrário. Dessa forma se evidencia os diversos fatores que podem contribuir nesse processo como, gravidez desejada, pré-natal realizado de forma adequada, peso adequado, acompanhamento de puericultura, manutenção de curva de crescimento durante a primeira infância e os fatores principais,

utilizados como instrumentos de coleta de dados dessa pesquisa, escolaridade materna maior/menor que 9 anos, condições socioeconômicas e tempo de tela.

Esse estudo, dentre os encontrados e aqui discutidos, possui um caráter ímpar, não apenas por ser um estudo empírico que buscou dados dentro do campo, em específico o da medicina, pediatria, mas também por trazer pontos relevantes não citados nos outros trabalhos, mesmo que a maioria também estejam voltados para a área da saúde. Além disso, em suas considerações finais, os autores, após concretizarem o objetivo do seu estudo, elencam questionamentos que surgem a partir deste, são eles:

1. Além da sensibilização que evidenciam os prejuízos para o desenvolvimento, como podemos ajudar pais a limitar o tempo ou proibir o uso em uma era cuja dependência dos celulares é evidente? 2. A utilização dos aplicativos de controle de tempo, Screen time, Family link, entre outros são eficazes? E como utilizá-los nas diferentes fases da vida? 3. Há diferenças entre o tempo dispendido em programas de televisão e o em ficar em redes sociais como TikTok e Instagram ou, há diferenças entre o tempo gasto em redes sociais ou programas educativos no desenvolvimento motor, cognitivo, saúde mental e orgânica das crianças? 4. O que considerar como programas educativos e quanto tempo poderia ser dispendido nesses programas, em detrimento de outras atividades? Esses programas poderão ser considerados como não prejudicial ao desenvolvimento infantil? (Thomaz *et al.*, 2024 p. 5)

Esses questionamentos nos mostram que para além do que já foi pontuado, ainda existe uma gama de problemáticas as quais devemos nos atentar se de fato queremos estar na posição de mediadores da relação entre telas e crianças. Dessa forma é essencial que haja mais pesquisas que colaborem para a investigação desses pontos, em particular, acredito que as pesquisas de campo sejam aqui essenciais de forma que nos permitem um acesso mais próximo a temática, visto que uma população/comunidade será estudada e as intervenções poderão ser mais específicas.

Outro estudo que contempla a relação entre telas e o desenvolvimento neuropsicomotor é o estudo de Costa *et al.* (2021). Os autores buscaram por meio de uma revisão narrativa descrever os impactos do uso prolongado de telas para o desenvolvimento neuropsicomotor. Para a busca dos dados, foi utilizado o site da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), e as bases de dados PUBMED e SCIELO. O

trabalho conta com o recorte temporal de 2017 á 2021, ou seja trabalhos de um período que antecede a pandemia e também trabalhos realizados durante esse contexto.

Quanto a isso Costa *et al.* (2021) revela que nesse contexto pandêmico, a utilização das telas foi intensificada, principalmente no que se diz respeito ao entretenimento de crianças, como sabemos foi um momento de isolamento social, e as telas digitais acabaram por substituir atividades mais ativas e momentos de interação familiar, funcionando como uma solução prática e rápida para entreter as crianças nesse contexto. Além disso, os autores nos direcionam a refletir sobre esse uso de forma passiva por crianças, já que o brincar ativamente é direito de toda criança além de ser uma atividade essencial para o seu pleno desenvolvimento. Esse estudo traz um enfoque especial para consequências a longo prazo, de modo que as reflexões partem de observações em crianças menores, mas também evidenciam os prejuízos que decorrem em crianças maiores e adolescentes.

Os autores também concordam que o fator ambiental de estar rodeado por multitelas prejudica o desenvolvimento infantil, e segundo seus achados as pesquisas confirmam que um grande percentual de crianças de até 7 anos de idade possuem mídias digitais dentro dos próprios quartos, como televisão, videogames, tablets, smartphones e afins. Esse fato corrobora não só para que os pais percam o controle em relação a horários e horas corridas utilizadas como também a inevitavelmente o controle de conteúdos disponíveis. Sem contar que isso também afeta a qualidade de sono, que como já abordada por Vasconcelos *et al.* (2023) e Desmurget (2023), a qualidade de sono é essencial para um funcionamento pleno do nosso corpo e dormir por horas não suficientes ou não dormir afeta o processo de desenvolvimento como um todo, causando desregulação emocional, cansaço, etc.

Quanto ao uso excessivo, os autores reiteram que em crianças menores o efeito de um uso prolongado pode interferir no desenvolvimento da fala e na linguagem em si. Já em crianças um pouco maiores, esse uso ocasiona prejuízos de controle cognitivos alterando funcionalidades visuais em relação a formação de palavras. Os autores ainda complementam os ciclos, apresentando as consequências com relação aos adolescentes, afirmando que esse mundo tecnológico afeta diretamente a sua identidade, autonomia e conexão social e para além disso são estimulados hábitos

sedentários, dessa forma causam danos não só na saúde mental mas também, à saúde física.

Outro ponto importante abordado neste trabalho é relacionado ao comprometimento da saúde dos olhos, por conta de longas horas em frente às telas, de forma passiva ou ativa, pode desencadear a síndrome do olho seco, devido uma falta de lubrificação adequada por passar muito tempo recebendo estímulo visual. Além disso, a exposição à luz de telas no período noturno diminui a produção de melatonina que é o hormônio do sono, causando insônia e potencializando a ansiedade.

Somado a isso, os autores destacam sobre os malefícios que decorrem de crianças e adolescentes, estarem expostos a conteúdos inadequados para sua idade. Revelando que crianças podem estar expostas à conteúdos violentos, conteúdos com teor sexual, além de incitação ao uso de drogas, cyberbullying e ao suicídio. O que nos alerta para a condição mental que nossas crianças e adolescentes podem estar vivenciando, com um índice maior de transtornos mentais e comportamentais como depressão e ansiedade.

Em suas considerações finais, os autores concluem que a utilização das mídias digitais de forma desenfreada ocasiona prejuízos à saúde mental e física de crianças e adolescentes, deixando as menos interativas e mais sedentárias, além de causar problemas de saúde como a obesidade e depressão. Reiteram a necessidade de conscientização de pais e responsáveis para encontrar uma forma de mediação que não seja um agravante a saúde das crianças e ainda mencionam que a intervenção deve ocorrer desde o primeiro contato, visto que o contato precoce contribui para o uso excessivo.

Assim podemos concluir que o tempo excessivo de tela agravam algumas situações como também desencadeiam muitos problemas físicos, emocionais, sociais e cognitivos para uma criança e/ou adolescente. Devemos nos atentar ainda mais, a que tipos de conteúdos nossas crianças estão sendo expostas, o que esses podem causar e interferir em sua vida como um todo, principalmente se esses conteúdos estão sendo expostos de forma frequente. Como adultos e mediadores desse processo devemos proteger nossos menores e buscar mediar da melhor forma, pensando em um desenvolvimento integral e pleno dos mesmos.

3.2.3 A substituição de atividades essenciais

Quando falamos de atividades essenciais, me refiro a atividades que são bases para o desenvolvimento da criança, isto é para além das atividades físicas, as atividades de interação com seus pais, pares e próximos, atividades que incluem brincadeiras lúdicas, e atividades estimulantes para o desenvolvimento cognitivo como as próprias atividades escolares. Viver em um ambiente atravessado pelo digital tem mudado essa relação e devido a isto, nesta categoria veremos as contribuições de autores como Rocha *et al.* (2022), Lins *et al.* (2024), Santos *et al.* (2024) e Carvalho e Pinto (2023), que trazem aspectos relevantes a serem refletidos sobre essa temática.

O estudo de Rocha *et al.* (2022) caracteriza-se por uma revisão integrativa da qual utilizou a estratégia de PICO para construir sua questão norteadora, sendo ela: “Quais as consequências do uso de telas para a saúde infantil?”. Objetivando compreender as consequências do uso de telas para a saúde infantil, os autores após realizarem o levantamento de dados, optaram por definir dois eixos temáticos, os quais direcionam os achados para as duas categorias: I. Influência direta do uso de telas no desenvolvimento neuropsicomotor e II. Consequência do uso de telas nos hábitos diários das crianças, com influência indireta no desenvolvimento.

Apesar de tentar propor uma organização, e aqui não retiro o mérito das contribuições que são devidamente relevantes ao debate da temática, acredito que para uma compreensão mais clara desses eixos seria necessário uma revisão, ou para o nome das categorias ou para a construção em si do texto, pois apesar de compreender os aspectos citados, fica confuso ao relacionar com o tema de cada eixo. Todavia seus achados são importantes para a construção desse texto, como veremos nos parágrafos a seguir.

Os autores iniciam afirmando que somos seres ritmados, ou seja, temos ritmos para todos os processos que passamos, inclusive os essenciais como comer e dormir, e afirmam que o uso de telas em crianças, principalmente se usado de forma excessiva prejudica a necessidade de ritmo de vida, causando diversos fatores como:

dificuldade na linguagem, dificuldades emocionais e comportamentais, alterações cognitivas, além de redução de interação entre familiares e próximos.

Quando se fala em uso de telas por horas continuamente, entendemos que esse tempo que está sendo utilizado para as mídias digitais poderia estar sendo utilizado para atividades que estimulam o desenvolvimento da criança, pois, assim, como afirmam Rocha *et al.* (2022) “longo tempo de tela significa menos tempo para o desenvolvimento na vida real”. Ainda afirmam que, quando as crianças estão nas telas perdem oportunidades de habilidades motoras e de comunicação, desencadeando um sedentarismo e dificultando as trocas verbais e não verbais com seus familiares, assim prejudicando o seu desenvolvimento.

Desmurget (2024, p. 143), concorda com essas reflexões e atribui as atividades essenciais para um pleno desenvolvimento: “Dentre as principais fontes contributivas estão os deveres de casa, o sono, as brincadeiras criativas, a leitura e, evidentemente, as interações intrafamiliares.” Dessa forma entendemos que as atividades presenciais, de face a face, ainda são as principais formas de uma criança se desenvolver de forma saudável, ainda que dentre as telas possamos encontrar conteúdos educativos, para uma criança principalmente para crianças menores, o contato com o mundo real, explorando as suas habilidades motoras e sensoriais continua sendo primordial.

Outra questão super importante que os autores nos trazem, são a relação de uso excessivo de telas associados ao crescimento de diagnósticos de transtornos em crianças, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Dentro do texto os autores utilizam de um termo para explicar que diante do crescimento de diagnósticos de TEA, é recomendado que essas crianças fiquem pelo menos, 3 meses sem telas para descartar um possível, “autismo virtual”. Apesar de considerar o termo pejorativo e acreditar que ele desvaloriza uma comunidade, se entende a partir desse termo, que os autores quiseram refletir à respeito da proximidade das sintomatologias de uma criança com transtorno para uma criança típica porém com vício em telas.

Ainda em relação a esse contexto, os autores apresentam que em crianças atípicas o uso excessivo de telas agravam sintomas já existentes, além de que, se

usado como forma para acalmar a criança pode acabar gerando na mesma um sistema de autorregulação, onde a criança irá se acalmar apenas daquela forma perpetuando comportamentos que poderiam ser evitados ou manejados de outra forma.

Outro ponto de destaque trago pelos autores são pontos positivos sobre o uso das tecnologias, eles afirmam que as tecnologias são fonte também de aprendizagem e que desde que os conteúdos sejam adequados e o tempo de tela esteja dentro de um tempo saudável, recomendado, as mídias digitais funcionam também como grandes aliadas. Para os autores, o uso de telas de forma interativa, aplicativos de desenhos, jogos para colorir dentre outros servem para nutrir a criatividade das crianças e servem como extensão do brincar e até mesmo de estudos. Concordo em partes com o autor, acredito que sim as tecnologias e seus dispositivos são necessários e grandes aliados, inclusive na área pedagógica, porém quando falamos de crianças bem pequenas, visto as habilidades presenciais que essa criança precisa construir para um bom desenvolvimento, as atividades de contato com o real ainda são prioridades.

No outro eixo temático, intitulado: II. Consequências no uso de telas nos hábitos diários das crianças, com influência indireta no desenvolvimento, os autores nos apresentam os efeitos negativos que as telas apresentam à saúde, como risco à obesidade, e além disso um desenvolvimento cognitivo, motor e psicossocial ruim. Mais a frente, eles pontuam como um uso inadequado de tela está associado a um relacionamento interpessoal ruim, baixo envolvimento social que compromete toda a sua competência social e pode desenvolver uma compreensão prejudicada de sentimentos. E ainda reiteram:

[...] o desenvolvimento da compreensão infantil é maior aprendido por meio da interação e da comunicação com outras pessoas, a qualidade da interação da criança com os pais tem extrema importância, entretanto, a quantidade de interação é, indiscutivelmente, a parte mais importante do processo. Rocha et al (2022, p.8)

Ou seja, é a partir da interação que a criança se adapta ao ambiente, que a criança compreende os seus pares, é através das trocas que todo o seu sistema se

fortalece, seja ele cognitivo, emocional, social e também físico. Enquanto pesquisadora dessa temática, para mim esse é um dos prejuízos das telas mais complexo, isso levando em consideração uma sequência de fatores que podem acontecer com esse uso desenfreado em relação ao social.

Percebemos, que além de “retirar” a criança do meio social, da interatividade com os outros, as telas fazem com que a criança se isole cada vez mais e ao receber contato frustrado dos seus próximos, isto é, quando não se atende a sua expectativa, acaba por mergulhar ainda mais dentro desse mundo tecnológico, da internet, das redes sociais, enfim, e aí vai sendo moldada por uma realidade virtual, o que desencadeia sintomas de ansiedade, depressão, agressividade etc.

Em suas considerações os autores concordam com os outros já citados, afirmando que as consequências negativas pelo uso de telas está ligado ao uso inadequado, especificamente quando se fala em uso excessivo. Quanto à influência nos hábitos diários das crianças, os autores destacam alguns malefícios como: ansiedade, depressão, problemas cognitivos, cansaço, estresse, baixo desempenho escolar, distúrbios alimentares entre outros. O que podemos perceber é que um mau uso pode gerar muitos riscos à saúde integral e conseqüentemente ao desenvolvimento infantil.

Outro estudo que traz contribuições importantes para essa temática é o estudo de Lins *et al.* (2024), uma pesquisa realizada através da estratégia PEO (População/Paciente (P); Exposição (E) e *Outcomes*/Desfecho (O), que deu base para a pergunta que norteou o trabalho, a saber: “Quais são as consequências da utilização exacerbada de telas no desenvolvimento de crianças?”. Portanto, o trabalho buscou identificar as possíveis consequências do uso excessivo de telas no desenvolvimento infantil a partir de uma revisão integrativa descritiva e exploratória.

Os autores abordam como o uso excessivo pode prejudicar as competências sociais da crianças, afetando o senso de responsabilidade e o afeto, que são fatores responsáveis por despertar habilidades que tornam o ser humano, um humano, ou seja, habilidades presenciais de compreender emoções, compreender direito e dever, além de relações interpessoais como amizades e relações entre pais, professores e a comunidade em geral.

Quanto a isso, os autores destacam as relações parentescas, principalmente entre os pais, prejudicada pelo uso exacerbado. Em um outro momento os autores chegam a afirmar que o contato dos pais, o uso inadequado dos próprios pais com esses dispositivos, estão associados ao aumento de telas em crianças e é justamente esse posicionamento que dá liberdade para se entender que esse hábito não é errado e isso nos direciona para outras questões. Já que nós como adultos não conseguimos impor horários, controlar o que se assiste e também estamos sujeitos a ficar horas imersos, como esperar que nossas crianças vivenciassem algo diferente? ou como achar que as próprias crianças conseguiriam definir um controle sobre esses dispositivos? São reflexões importantes a serem pensadas e solucionadas já que como podemos observar, a ausência de práticas está por adiar um cenário mais saudável à todos. Além disso, pontuam baixo desempenho escolar, limites à criatividade, mudanças comportamentais como atitudes antiéticas, dificuldade de conviver na sua realidade e aceitar contradições etc.

Concordando com Costa et al (2021), os autores apresentam mais alguns possíveis sintomas oculares que podem ser desencadeados por um mal uso de telas, como coceira, xeroftalmia, lacrimejamento, visão turva e sensação de corpo estranho, tudo isso pode ocorrer quando se passa por muitas horas em frente às telas, recebendo aquela luz excessiva, mistura de cores e estímulos ao cérebro que agride a visão.

Conclui-se, portanto, que os níveis de uso de dispositivos na primeira infância chegam a ser preocupantes de acordo com a realidade que vivemos, que nos mostra que as crianças estão inseridas nesse mundo cada vez mais cedo e sem mediação quanto ao uso, seja por tempo de tela, por conteúdos assistidos, ou uso passivo e/ou ativo dos mesmos. Os autores indicam que é fundamental orientações para a família para encontrar formas de regularizar o uso buscando um menor impacto sobre a vida das nossas crianças.

O estudo de Santos *et al.* (2024), também buscou analisar os impactos do uso de telas sobre o desenvolvimento infantil, com uma pesquisa de abordagem qualitativa e descritiva, através de uma revisão narrativa, utilizando o recorte temporal de 2018 à 2023. Esse estudo em especial, traz um aprofundamento sobre o desenvolvimento

infantil, analisando os estágios da teoria de Piaget, observando os atos de desenvolvimento que ocorrem em cada fase para a criança. De início, as autoras afirmam que a inteligência, a capacidade de aprendizagem, não é fixa, e confirmam que o desenvolvimento cognitivo é um processo que ocorre de acordo com a maturidade biológica e também por meio da interação com o ambiente. Por isso, a criança passa por fases de construção do seu desenvolvimento/conhecimento e é nesse processo que se estruturam os aprendizados em que a criança apresenta capacidade para se desenvolver.

Os estágios da teoria de Piaget nos trazem que para cada estágio há uma idade e uma característica específica sendo desenvolvida. Em linhas gerais, o estágio sensório motor inclui crianças de zero a dois anos e é o momento onde a criança reconhece a existência de um mundo externo, já no estágio pré-operatório que incluem crianças de 2 a 7 anos, as crianças estão desenvolvendo relações sociais e é a fase marcada pelo surgimento da linguagem oral, no estágio operatório-concreto, são crianças de 7 a 12 anos, que já conseguem resolver as primeiras operações e por fim o estágio operatório formal, onde já se inicia um raciocínio lógico e um pensamento abstrato.

Levando em consideração a primeira infância e a educação infantil, mais relacionada com o presente trabalho, os estágios sensório motor e pré-operatório são os mais pertinentes nesta fase. Como podemos perceber, são as fases mais sensíveis e mais importantes para apresentar às crianças ao mundo externo, sendo assim para pensar em possíveis intervenções para mudar o impacto das telas devemos considerar os aspectos que baseiam esses momentos, a linguagem oral, o reconhecimento do mundo externo e o desenvolvimento das relações sociais, todos esses afetados diretamente pelo uso precoce, pelo uso excessivo e pela substituição de atividades pelas telas.

As autoras ainda relacionam a utilização precoce de telas por crianças devido a reestruturação da dinâmica familiar, afirmando que pela necessidade de trabalhar, os pais precisam estar mais tempo fora de casa, alguns por todo o dia, e para se comunicar surge a necessidade de um dispositivo para comunicação, desde aí a criança já passa a ter, mesmo que não seja o seu, autonomia com um smartphone ou

tablets. E o que percebemos é que cada vez mais as crianças já iniciam sabendo utilizar esses dispositivos.

Quanto ao uso positivo desses aparelhos, as autoras pontuam os benefícios que as tecnologias podem trazer nos âmbitos educacionais, destacando que só há essas possibilidades se o uso for adequado e se os pais mediarem da forma correta esse uso, estando presente durante o momento. As autoras afirmam, que as tecnologias aprimoram as capacidades cognitivas e é mais que direito das crianças serem estimuladas a aprenderem as vantagens dessa modernidade, que é uma auxiliadora em muitos âmbitos, senão todos.

Além disso, as mídias digitais incentivam e estimulam a capacidade criativa das crianças, além da curiosidade, raciocínio lógico e é capaz de promover conhecimento de diversas formas didáticas, isto é, se as mesmas estiverem sendo apresentadas com estratégias, com finalidade e não apenas entretenimento. Outrossim, foi observado que crianças que utilizavam o celular logo cedo, antes das aulas apresentavam um caimento no seu rendimento, além de terem maiores chances de danificar áreas responsáveis pelos processos de alfabetização, de linguagem e funções executivas.

Somado a isso, as autoras ainda abordam que está ocorrendo uma transformação nos estilos de vida, devido a esse consumo exacerbado de telas. Onde se diminui o contato social, há uma prevalência de uma alimentação mais prática e menos saudável nos levando aos delivers, com isso comendo em excesso alimentos ricos em açúcar, sódio e gorduras, além da diminuição de atividades físicas, comprometendo todo um estilo de vida e consequentemente implicando diretamente nos nossos hábitos como um todo.

Por fim as autoras confirmam que há uma urgência para o debate desse tema, pois hoje já percebemos que o excesso de telas está alterando profundamente até mesmo a própria vivência da infância, trazendo riscos graves à saúde das mesmas e é mais que necessário que estejamos preparados para mudar essa realidade como uma comunidade que se responsabiliza pelo futuro das nossas crianças e consequente do mundo em que vivemos, afinal essa problemática afeta diretamente a família que são os primeiros responsáveis por suas crianças mas cabe também a

sociedade procurar meios de assegurar a vivência plena das mesmas como também prevenir possíveis problemas que afetem a sociedade como um todo.

Finalizamos com o estudo de Carvalho e Pinto (2023), uma pesquisa de caráter qualitativa, transversal e retrospectiva realizada com a estrutura de uma revisão integrativa, levando em consideração um recorte temporal de 2019 à 2021. O objetivo deste trabalho, foi analisar o uso de telas entre crianças e como essa prática pode afetar o desenvolvimento infantil, dessa forma através das plataformas LILACS e PUBMED, e depois de realizar o processo de filtragem dos trabalhos, foram encontrados 28 trabalhos, os quais foram utilizados dentro da pesquisa.

De início, as autoras afirmam que um desenvolvimento infantil sadio está associado a crianças que possuem maior capacidade de adaptação a diversos cenários conquistando assim novos conhecimentos e futuramente sendo adultos conscientes com maior satisfação pessoal. Isso determina que os fatores ambientais e externos contribuem muito para o desenvolvimento infantil, dessa forma um ambiente que cultiva, que estimula, e no caso das crianças, um ambiente que desperte a criatividade, que estimule a aprendizagem, que disponha de brinquedos para garantir o lúdico, que integre espaços para esse desenvolver, favorece um bom desempenho integral infantil.

Outra questão pontuada dentro do texto se refere ao papel da família em relação ao desenvolvimento da criança, onde a família possui papel essencial em relação ao crescimento e desenvolvimento da mesma, assim ao assumir a responsabilidade de uma família, os pais devem educar os filhos dentro de uma cultura, com valores, princípios, hábitos, habilidades sociais e regras. Como confirma, Vasconcelos *et al.* (2023, p. 13), em relação também a presença dos pais/familiares perante atividades:

A participação dos pais em atividades cognitivamente estimulantes, como leitura, fornecimento de materiais de aprendizado apropriados para crianças e até interações ativas durante o uso de telas contribuem para o desenvolvimento das habilidades das crianças. Além disso, a disponibilidade de equipamentos de atividade física e o estímulo de suas práticas, como andar de bicicleta, são inversamente associadas ao uso de telas por crianças.

Somado a isso, as autoras, assim como os outros já citados anteriormente, evidenciam a pauta da substituição de atividades essenciais, visto que após o

surgimento das telas, principalmente as telas digitais que possuem poder de interação, as crianças não possuem mais as mesmas brincadeiras como, pega-pega, amarelinha, pique esconde etc, e isso não é totalmente errado visto que ao longo dos anos as brincadeiras realmente passam por transformações, mas chega a ser desproporcional quando se fala em quesitos de desenvolvimento, já que essas outras atividades proporcionam desenvolvimento físico, estimula a criatividade, busca sempre interação com os demais, e desenvolve o cognitivo, as telas ainda que consigam algumas dessas habilidades, não têm a mesma eficiência. Assim, as autoras confirmam que os hábitos dos pais com as telas, implicam diretamente no comportamento das crianças, até porque eles são os geradores de hábitos e regras, e se eles ficam horas em frente a TV, computador, celular, telas em geral, eles contribuem para que os filhos tenham o mesmo costume.

Outra reflexão interessante que Carvalho e Pinto (2023) nos traz é a respeito dos cinco sentidos. Elas apresentam que para um corpo perceber e gravar as informações sensoriais de algo é necessário que todos os sentidos sejam contemplados. E quando falamos das telas, dois sentidos se sobrepõem aos outros, o sentido da visão e da audição. Dessa forma, a recepção desses sentidos sendo mais avantajada que os outros pode acarretar desequilíbrios na integração de todos os sentidos, trazendo mais uma disfunção no desenvolvimento.

A importância dos sentidos é tão real, que dentro das escolas existe um conteúdo para isso e é recomendado sempre abordá-lo através de experiências, ou seja se falamos sobre o paladar, podemos incentivar que as crianças ao provarem descubram o alimento, ou descubram animais a partir dos sons que eles mesmos fazem. Isso é trabalhar conceitos a partir da realidade utilizando o concreto, pois como as próprias autoras pontuam, as “[...] crianças não conseguem aprender com uso de mídias digitais como aprendem com as interações com seus cuidadores, e existe uma dificuldade de transferência do conhecimento adquirido em telas sua para a experiência tridimensional” (Carvalho e Pinto, 2023, p. 8).

Assim compreendemos que as telas são ferramentas que possibilitam um universo de oportunidades, porém se o uso não for adequado pode desencadear

muitos prejuízos a longo prazo, afetando diretamente o desenvolvimento como um todo, cognitivo, social, emocional, físico etc.

4. PARA ALÉM DAS TELAS

Este estudo buscou compreender as relações entre as telas e o desenvolvimento infantil a partir da literatura nos últimos cinco anos, através da análise das discussões de obras relevantes dentro desse recorte temporal com a finalidade de se apresentar de que forma as telas influem no desenvolvimento infantil. No decorrer da pesquisa observamos que há muitas pesquisas voltadas para o tema, a maioria na área da saúde e realizadas no formato de revisão de literatura, as quais contribuíram na compreensão dos processos que ocorrem na relação telas-crianças.

Os estudos apresentados nos mostram como as telas podem afetar diretamente no desenvolvimento infantil influenciando diretamente em aspectos gerais, como o desenvolvimento afetivo, cognitivo, social, emocional e físico. As pesquisas evidenciam a importância da mediação quanto a esse uso, de forma a prevenir a exposição precoce, diminuir o uso excessivo e limitar a substituição de atividades essenciais e presenciais por atividades digitais.

Quanto aos achados, encontrou-se muitos impactos negativos associados ao uso inadequado de telas dentre eles: desregulação emocional, disfunções cognitivas, impactos negativos no ciclo do sono e alimentação levando ao sedentarismo, riscos de doenças cardiovasculares, síndromes relacionadas à saúde ocular, disfunções no funcionamento dos sentidos (devido a sobreposição da audição e visão no uso excessivo de telas), sintomas de ansiedade, depressão, impactos na linguagem oral e processos linguísticos e de alfabetização, prejuízos em habilidades motoras, prejuízos em habilidades sociais de interação, riscos de sintomatologias de transtornos como TEA e TDAH, entre outros. Ao perceber a quantidade de aspectos afetados por um

mau uso percebemos o quanto a temática é urgente e consequentemente como devemos mudar nossos hábitos para que esses impactos não sejam uma realidade.

Apesar disso, é necessário reconhecer que não pode existir uma demonização ou uma naturalização quanto ao uso de telas. Ainda que as telas sejam capazes de possibilitar esses prejuízos, elas são também as responsáveis por nos trazer praticidade, auxílio, acessibilidade e velocidade nos dias atuais, não podemos esquecer como elas foram ferramentas essenciais diante do isolamento por COVID-19, possibilitando que o mundo não parasse. Além disso as tecnologias estão presentes em todos os lugares e não trazê-las também para o espaço educativo significaria retirar as crianças da realidade do mundo, limitando até mesmo de uso educativo das mesmas, pois elas também nos fornece formas de atrair as crianças e de didáticas transformadoras, estimulando a criatividade e a criação e potencializa os processos educativos como compreensão, capacidade de interação interdisciplinar dentre tantas outras coisas. Esse uso já é observado dentro de sala de aula em muitas escolas brasileiras, quando os professores/as trazem plataformas, jogos, sites, que auxiliam nesse processo, como: Kahoot, Socrative, Mentimeter, Quizlet, entre outros. Dessa forma percebemos a necessidade de trazer esses dispositivos para dentro da sala de aula visando estimular o conjunto de processos educacionais.

Porém há um ponto observado importante que devemos refletir sobre, quando falamos de educação infantil, isso é inteirando creche: 0 a 3 anos e pré-escola: 4 a 5 anos, percebemos que até os dois anos de idade não é recomendado a exposição de telas à crianças e até os cinco anos esse uso é limitado indo até no máximo 40/50 minutos, levando isso em consideração, além de que como já falado são os anos mais sensíveis e essenciais para a construção de habilidades base, é necessário ter um olhar mais delicado.

Acredito que pelo menos dentro da educação infantil, devemos limitar e usar de forma consciente e estratégicas as ferramentas digitais dentro do espaço escolar, isto não quer dizer que as crianças não poderão ter nenhum contato, como assistir à um filme, realizar algum jogo interativo, enfim, mas que dentro desse período com suas especificidades seria interessante trazer o digital para o mundo real e isso significa, trazer desenhos, personagens, modelos de jogos e adaptá-los ao mundo real, através

de peças teatrais, com fantoches, brincadeiras motoras, atividades voltadas para algum personagem, podendo até mesmo trazer essas imagens em atividades de folha, gerando sentimento de pertencimento entre as crianças. Para que as habilidades que compõem o seu desenvolvimento sejam aplicadas como devem ser com exploração do ambiente, trabalhando os aspectos sensoriais e com muita interação social, assim as crianças estariam conectadas e ainda assim voltadas para o essencial.

Diante de todas as informações aqui refletidas é necessário e urgente que se façam mais pesquisas nessas áreas, em particular, acredito que é interessante investir em pesquisas de campos que apresentam uma maior proximidade da comunidade e trago destaque para a área da Pedagogia, visto que dentro de sala de aula sentimos os potenciais impactos mais fortes e de forma mais clara. Ao trazer pesquisas para essa área e aplicando entrevistas/questionários para comunidade escolar como um todo, ou seja, crianças, familiares, professores/as e todo o corpo docente, levando esses instrumentos como apenas um dos modelos de obtenção de dados, podemos trazer possíveis discussões e intervenções para o ambiente escolar e também familiar, através de palestras, conversas de roda e tantos outros modelos.

Assim, se compreende a importância desse tema para contribuições para a sociedade, evidenciando a urgência para com a saúde integral de nossas crianças, que são as próximas potencialidades que transformarão o mundo em que vivemos.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, L. A.; RANGEL, L. T. **Os impactos do uso de telas no desenvolvimento cognitivo infantil: uma breve revisão de literatura.** Cuadernos de Educación y Desarrollo, [S. l.], v. 16, n. 11, p. e6401, 2024. DOI: 10.55905/cuadv16n11-100. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/6401>.

BEM, Gel. M. O binômio cuidar e educar: uma ação integrada na educação infantil. In: Pau dos Ferros–RN: **CONEDU – Congresso Nacional de Educação**, 2017. Disponível em: www.conedu.com.br. Acesso em: 10 jul. 2025.

BOCK, Ana Mercês Bahia et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia.** 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. **Governo lança guia para uso saudável de telas por crianças e adolescentes.** 20 mar. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2025/03/governo-lanca-guia-para-uso-saudavel-de-telas-por-criancas-e-adolescentes>.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CACHAPUZ, António et al. **A necessária renovação do ensino das ciências.** São Paulo: Cortez, 2005. Disponível em: [ReP USP - Detalhe do registro: A necessária renovação do ensino das ciências](#)

CASTRO, E. C. **A influência das telas para o desenvolvimento infantil.** 2022.31. Monografia de graduação em Psicologia. Centro universitário Uniatenas, Paracatu, 2022. VASCONCELOS, Y. L. C.; SANTOS, L. T.; DOS SANTOS, J. F. P.; DE ANDRADE, A. R. O. O Impacto do Uso Excessivo de Telas no Desenvolvimento Neuropsicomotor de Crianças: Uma Revisão Sistemática. **Revista Foco**, v. 16, n. 11, p. e3308, 2023.

DOI: 10.54751/revistafoco.v16n11-078. Disponível em:
<https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/3308>.

CARVALHO, Lia Rezende; PINTO, Patricia Martins. **A associação entre o uso de telas e o desenvolvimento infantil: uma revisão de literatura**. Research, Society and Development, v. 12, n. 4, p. e2812440885-e2812440885, 2023.

Consequências do uso excessivo de telas para a saúde infantil: uma revisão integrativa da literatura. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.], v. 11, n. 4, p. e39211427476, 2022. DOI: [10.33448/rsd-v11i4.27476](https://doi.org/10.33448/rsd-v11i4.27476). Disponível em:
<https://rsdjournal.org/rsd/article/view/27476>.

COSTA, I. M.; RIBEIRO, E. G. M.; FERNANDES, G. de S.; LUIZ, L. W. S.; MIRANDA, L. C. de; TEIXEIRA, N. de S.; SILVA, R. M.; CARPI, T. S. **Impacto das Telas no Desenvolvimento Neuropsicomotor Infantil: uma revisão narrativa / Impact of Screens on Child Neuropsychomotor Development: a narrative review**. Brazilian Journal of Health Review, [S. l.], v. 4, n. 5, p. 21060–21071, 2021. DOI: 10.34119/bjhrv4n5-204. Disponível em:
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/37018>.

CRUZ, Daniel Silveira. **'Painéis' no Discord escondem 'as mais perversas formas de crime' contra crianças, diz policial infiltrada**. G1, São Paulo, 27 jul 2025. ['Painéis' no Discord escondem 'as mais perversas formas de crime' contra crianças, diz policial infiltrada | Tecnologia | G1](#)

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças**. Tradução Mauro Pinheiro. 4. reimpr. São Paulo: Vestígio, 2023. 350 p. ISBN 978-658-6551525

FERNANDES, Jaciara Mayara Batista; VIEIRA, Lidiane Torres; CASTELHANO, Marcos Vitor Costa. **Revisão narrativa enquanto metodologia científica significativa: reflexões técnicas-formativas**. REDES – Revista Educacional da Sucesso, v. 3, n. 1, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOBBI, Márcia. Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil. In: Anais do I **Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais**.

Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: conteúdo do arquivo [multiplaslinguagens.pdf](#). Acesso em: 10 jul. 2025.

GUIMARÃES, João da Silveira. **Mãos à máquina: um estudo sobre mídia-educação e infância**. 2016. xi, 138 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação Física)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: PNAD Contínua, 4º trimestre de 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: [\[https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html\]](https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html) <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html>) Acesso em: 15 jul. 2025.

JORGE, R. C. S.; MACHADO, R. N. O binômio cuidar e educar na Educação Infantil e suas interfaces com a prática docente. **Cadernos da Pedagogia**, Uberlândia, v. 17, n. 43, p. 1–19, jan./abr. 2024.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. In: *SEMINÁRIO NACIONAL CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais*, 1., 2010, Belo Horizonte. Anais.... Belo Horizonte: [s.n.], 2010. p. 1–20.

KNUPP, A. J. F. et al. **IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO COMPORTAMENTAL E EMOCIONAL EM CRIANÇAS DEVIDO USO EXCESSIVO DE DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 10, n. 10, p. 4115-4129, 2024.

LINS, M. S. M.; SOUSA, J. O. de; MOUZINHO, L. S. N.; BOTELHO, L.; SOUZA, A. M. Y. de; CARVALHO, M. M. X.; VIUDES, M. M.; ECCARD, A. F. C.; RESENDE, V. S.; ROCHA, S. A.; OLIVEIRA, T. de; RIBEIRO, N. G. **Consequências do uso excessivo de telas no desenvolvimento de crianças: uma revisão integrativa**. CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES, [S. l.], v. 17, n. 3, p. e5655, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.3-072. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/5655>.

NOBRE, J. N. P. et al.. Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 3, p. 1127–1136, 2021.

OLIVEIRA, Z. de M. R. **O currículo na Educação Infantil: o que propõem as novas Diretrizes Nacionais?** In: **SEMINÁRIO NACIONAL CURRÍCULO EM MOVIMENTO: PERSPECTIVAS ATUAIS**, 1., 2010, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: [s.n.], 2010.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA – SBP. #Menos Telas #Mais Saúde. Grupo de Trabalho de Saúde Digital. Rio de Janeiro: SBP, 2019. Manual de Orientação. Atualização em agosto de 2024. 447 KB. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/publicacoes/publicacao/pid/menos-telas-mais-saude/>

SOUSA, J. E. **Por acaso existem homens professores de Educação Infantil?: um estudo de casos múltiplos em representações sociais**. 2011. 206f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza (CE), 2011.

Thomaz, G. C., Esvicero, C. F., Americo, G., Silva, H.B., Bello, J. P., Arakaki, R. T. de Oliveira, A. L. L. (2024). **A intensificação do uso de telas e repercussões no desenvolvimento neuropsicomotor infantil**. *Research, Society and Development*, 13(11), e129131147436-e129131147436.

UNESCO. **Technology in education: a tool on whose terms?** Global Education Monitoring Report 2023. Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: <https://www.unesco.org/gem-report/en/publication/technology-education>.

VASCONCELOS, Y. L. C.; SANTOS, L. T.; DOS SANTOS, J. F. P.; DE ANDRADE, A. R. O. **O IMPACTO DO USO EXCESSIVO DE TELAS NO DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR DE CRIANÇAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**. REVISTA FOCO, [S. l.], v. 16, n. 11, p. e3308, 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n11-078. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/3308>.

XAVIER, A. S.; NUNES, A. I. B. L.. **Psicologia do desenvolvimento**. 4. ed. rev. e ampl. Fortaleza: EdUECE, 2015.